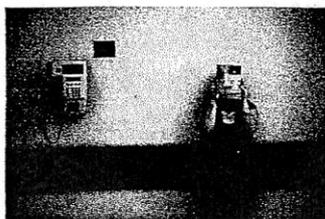


Daniela Marinho, presa por tráfico de droga, usa a leitura para se isolar: “Há muitas intrigas na cadeia. O ideal é enfiar a cabeça num livro.” Francisco Rodrigues, preso por homicídio na forma tentada, usa-a para se evadir: “Ai as cidades a que eu já fui, os monumentos que eu já visitei!”

Belarmino Santos Silva só tem a quarta classe, mas fala no livro como se fosse Marcel Proust: “Eu encaro o livro como um amigo. Quando estou deprimido não quero falar. Desabafo com a leitura, aconselho-me com a leitura.” João Oliveira estava a fazer doutoramento em genética e usa os livros para desviar o pensamento: “Os livros afastam-me um bocado dos meus conflitos emocionais, ocupam-me com questões intelectuais.”

O grau de escolaridade é baixo entre a população prisional. Maria Rodrigues lê “para não es-



tagnar”. Álvaro Marques inspirou-se num livro para se reinventar. Está a aproveitar a reclusão para estudar: “Entrei com o 6.º, fiz o 9.º nas Novas Oportunidades; vou fazer o 12.º.”

Há aspetos que surpreendem quem gosta de ler. Sabia que o género mais procurado nas cadeias é a poesia? Mas nada nos surpreendeu tanto como Luís Vilas-Boas. O antigo carpinteiro, que a justiça condenou a uma pena impossível de 34 anos, já sonha com a abertura de um café-biblioteca. E que ninguém se atreva a sugerir-lhe que opte por um café-livraria. “Não conseguia vender um livro! Eu gosto de livros. Gosto de olhar para eles. Posso estar *stressado*, chego aqui e passa-me o *stress*. Não sei. Chego aqui... abre-me a cabeça. Sinto-me em paz.”

Texto de Ana Cristina Pereira,
Público, 2-10-2011